



## Ruínas e da memória: a leitura como sobrevivência

Ruins and Memory: Reading as Survival

**Rodrigo Felipe Veloso\***

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) | Montes Claros, Brasil.  
rodrigof\_veloso@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo investiga *Esparsas: viagem aos papéis do gueto de Varsóvia*, de Georges Didi-Huberman, buscando explorar a maneira como o autor utiliza os fragmentos de papéis encontrados no gueto de Varsóvia como uma forma de resistência e memória diante do Holocausto. A pesquisa destaca que os fragmentos, longe de representarem uma “falha”, servem, sobretudo, como uma forma de dar voz aos que foram silenciados, oferecendo, paradoxalmente, uma ressignificação do passado por meio da incompletude. Portanto, este estudo explora a complexidade desses elementos – fragmento, memória, resistência e ética – e como eles se entrelaçam para dar um novo sentido à leitura e à escrita no contexto da tragédia humana do gueto de Varsóvia. Para isso, fundamenta-se com base nas postulações teórico-críticas de Walter Benjamin (2020), Jacques Derrida (2001), Giorgio Agamben (2008).

**Palavras-chave:** Georges Didi-Huberman, Ruínas, Memória.

**Abstract:** This work on the book *Esparsas: viagem aos papéis do gueto de Varsóvia* by Georges Didi-Huberman seeks to explore the way in which the author uses the fragments of papers found in the Warsaw ghetto as a form of resistance and memory in the face of the Holocaust. The research also reflects on the ethics of reading, questioning the role of the reader in the face of these fragmented vestiges, which challenge the linear narrative and offer multiple interpretations. The fragility of memory, addressed in the work, is directly connected with the impossibility of reconstructing the past in an integral way. However, the research highlights that the fragments, far from representing a “flaw”, serve, above all, as a way of giving voice to those who have been silenced, offering, paradoxically, a resignification of the past through incompleteness. Therefore, this study explores the complexity of these elements—fragment, memory, resistance, and ethics—and how they intertwine to give new meaning to reading and writing in the context of the human tragedy of the Warsaw Ghetto. To do so, it is based on the theoretical-critical postulations of Walter Benjamin (2020), Jacques Derrida (2001), Giorgio Agamben (2008).

**Keywords:** Georges Didi-Huberman. Ruins. Memory.

---

\* Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).



## Introdução

*Ser significa ser fonte de lamentação. [...] O ensinamento e a lamentação eram irmão e irmã nesse povo [judeu], e nele podia acontecer de o ensinamento se lamentar e a lamentação ensinar.*

(Gershom Scholem)

Georges Didi-Huberman, filósofo e historiador da arte, tem construído uma trajetória crítica marcada pela reflexão sobre a imagem, o trauma e a memória histórica. Sua abordagem interliga arte, estética e ética, com especial atenção às formas de resistência que emergem dos destroços das grandes tragédias do século XX, como a Shoah. Neste artigo, analisamos o livro *Esparsas*: viagem aos papéis do Gueto de Varsóvia, com o objetivo de investigar como o autor lida com os papéis esparsos e degradados do gueto como metáforas da fragmentação e da vulnerabilidade da memória histórica. Tudo ali é fragmentário: pedaços de papel rasgados, frases incompletas, nomes sem rostos. Mas é nessa fragmentação que se abre a possibilidade de uma memória que resiste:

Dessa história trágica, no entanto, logo surgiu a figura tutelar daquele que trabalhou incansavelmente – de forma clandestina, é claro – para torná-la possível em termos de conhecimento constituir uma história (um conhecimento) esparsa mas bastante detalhada da história (da experiência) do gueto de Varsóvia. Este é Emanuel Ringelblum. Ele trabalhava constantemente nestas duas dimensões ao mesmo tempo: a história a ser sobrevivida (a história padecida e que se deve tentar transformar por meio dos mais loucos riscos) e a história a ser pensada (a história a ser escrita, numa tentativa de que ele sobreviva, documentada, por meio de pacientes anotações).<sup>1</sup>

Emanuel Ringelblum foi um “resistente escrevendo”, um “resistente do papel”, preenchendo suas folhas de maneira incansável até mesmo quando foi preso em seu último esconderijo e, consequentemente ter sido morto (fuzilado) em companhia de sua mulher e seu filho pequeno, em março de 1944. Ringelblum ao escrever a história de seus descendentes se revoltava, pois estes eram “chamados a desaparecer” e, sobretudo, é ele quem resgata esse discurso adormecido para que, a partir de então, fosse lido por outros e, nesse momento, eles são “chamados a sobreviver”, e, portanto, tal premissa atualmente todos fazem parte.

Diante disso, eis a questão: Como um maço de papéis possa sobreviver aos batalhões,

---

<sup>1</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 19-20.



aos militares e aos dirigentes, além de qualquer distinção entre vencedores e vencidos? “Esta é a potência do papel: a inscrição à tinta ou a lápis e a superfície de celulose são capazes de persistir mais longamente que nós humanos”.<sup>2</sup> Essa história a ser reescrita e emergida de um passado trágico comove não somente a quem a restaura, a ressignifica, mas também para quem a lê, as imagens construídas por meio da escrita comovem o leitor e torna o discurso enaltecido ultrapassando o tempo histórico demarcado, porque o levante de repressão e extermínio vai além de qualquer sincronicidade temporal; a dor e a barbárie continuam para sempre na memória e nos testemunhos de quem a viveu e sua repetição é a luta mais árdua que a humanidade trava cotidianamente.

Nesse patamar reflexivo do discurso histórico e contemporâneo, outra indagação se acentua: “A folha de papel, por mais frágil que seja, por mais exposta que esteja ao fogo, não é capaz de sobreviver a seu autor, a seu censor, e também a seu leitor?”.<sup>3</sup> Mais uma vez, esta é a potência do papel, metáfora essencial da sua constituição paradoxal, ser fraco na forma, mas no conteúdo sobrevive e frui além do tempo, ou seja, em meio a sua fragilidade, é que se mostra mais forte e duradouro.

O livro em questão apresenta uma poética do fragmento que, ao mesmo tempo, que denuncia a brutalidade da violência nazista, convoca o leitor à responsabilidade ética diante do que restou. A metodologia adotada é a análise textual e interpretativa, com base nos conceitos de ruína, arquivo e testemunho, para compreender como a materialidade precária dos documentos se transforma em um campo de resistência estética e ética.

Dividido em três tópicos principais, este artigo abordará, primeiramente, o papel dos arquivos do Oyneg Shabes como um “ato de resistência documental”. Em seguida, será discutido o valor simbólico e poético do fragmento na obra. Por fim, refletiremos sobre a ética da leitura proposta por Didi-Huberman, que interpela o leitor a enxergar, nas ruínas da história, a urgência de preservar e testemunhar a memória dos que foram silenciados.

## Arquivos do Oyneg Shabes: ato de resistência documental

*Não se deve perder a esperança porque o mal, assim como o bem, tem um fim [...], temos o futuro e o mundo diante de nós.*

(Georges Didi-Huberman)

Em *Esparsas*, Didi-Huberman estuda o trabalho clandestino do grupo Oyneg Shabes

<sup>2</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 20.

<sup>3</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 20.



como um gesto radical de resistência e afirmação da humanidade diante da barbárie. Reunindo documentos – cartas, diários, estatísticas, poemas – produzidos entre 1940 e 1943, enquanto a comunidade judaica do gueto de Varsóvia enfrentava o cerco e o extermínio iminente, esses arquivos constituem um testemunho urgente contra o esquecimento.

Essa percepção diante do trágico que, enclausura emocionalmente, o autor revela muitas facetas do “eu”, que ultrapassa os limites da existência do próprio indivíduo e, sobretudo, sente tamanha tristeza e impossibilidade de agir contra a barbárie nazista. Ao se olhar no espelho e tentar se ver, se reconhecer; ele se interroga e encontra como resposta uma iluminação que se reflete por meio das lágrimas, que lhe agitavam naquele momento diante do espelho, um encontro de um outro lugar no próprio eu.

Eu me lembro – foi há muito tempo – que, um dia em que eu chorava muito, encontrei por acaso meu rosto no espelho. Alguma coisa então se quebrou, alguma coisa surgiu: minha existência se tornou esparsa, clivada. Eu, descobri, ao me ver chorando, uma percepção nova: ela partia, sem dúvida, de mim mesmo e de minha tristeza do momento, mas também abria, repentinamente, uma dimensão maior, impessoal e interessante.<sup>4</sup>

Esse novo olhar para o escritor nasce do distanciamento fatal nesse ponto de visão e, ao mesmo tempo se traduz num ato de conhecimento, porque contato e distância se implicam mutuamente, ou seja, “ao me ver chorar, de repente observei, como que do exterior, o que a emoção, algo totalmente interior, modificava na interface de meu rosto”.<sup>5</sup> E além do mais, “com as lágrimas brotando-me aos olhos, meu ver era turvado, ou contradito, por meu chorar. E, com efeito, eu me via turvo. [...] algo como uma nova lucidez logo assumiria o controle”.<sup>6</sup>

Martin Buber desde 1903 começou a organizar as histórias da tradição hassídica, evocando, pois, em sua coletânea a figura do rabino Menahem Mendes de Kotzk, morto em 1859. “Ele era um sábio que lamentava o mundo e, consequentemente, nunca deixava de se encolerizar. Um ‘espírito de rebelião’ que, [...] gritava aos seus próprios discípulos ‘palavras entrecortadas, precipitadas, tumultuadas’ [...]”.<sup>7</sup> Como etapa e processo de escrita, ele toda noite, escrevia uma página e da qual ninguém saberia, haja vista que na manhã seguinte, a rasgava e a queimava.

Didi-Huberman reitera que prefere a versão dessa história (pode ter a lido ou a

<sup>4</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 11.

<sup>5</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 12.

<sup>6</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 12-13.

<sup>7</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 11-12.



inventado), que ele escrevia toda noite uma página e na manhã seguinte, ele a tomava em suas mãos e a aproximava de seu rosto e, simplesmente, a lia novamente. Entretanto, “ao reler-se, ele chorava tanto que suas lágrimas apagavam todas as frases, todas as palavras, todas as letras de seu texto. E assim sucessivamente, por todos os dias de sua vida”.<sup>8</sup>

A metáfora do tempo para quem escreve algo é sagrada, uma vez que remonta um ritmo de descoberta e transformações que se acentua nas tardes e manhãs e, por isso, as dualidades existenciais sempre surgem como elementos adjetivos: “esperançoso, desesperado, sempre recomeçado. Um ritmo induzido pelo encontro, sobre uma folha de papel (meio, superfície), de um pouco de tinta (palavras, inscrições) e algumas lágrimas (água, emoções)”.<sup>9</sup>

Em *Esparsas*, Didi-Huberman reconstitui o gesto de resistência intelectual e documental do grupo Oyneg Shabes, liderado por Emanuel Ringelblum, que, em plena ocupação nazista, organizou um arquivo clandestino para registrar o cotidiano e o iminente genocídio da comunidade judaica do Gueto de Varsóvia. Esse ato de “resistência pela escrita”, como o autor o denomina, configura-se como uma ação fundamental de memória e de denúncia diante do processo de desumanização e extermínio.

O arquivo Oyneg Shabes, enterrado em latas e baús, e redescoberto após a guerra, constitui um exemplo de resistência silenciosa, mas potente, cuja força se inscreve na prática documental em meio à barbárie. Didi-Huberman ressalta que, frente à destruição sistemática, escrever e registrar tornaram-se atos de insurgência contra a lógica do apagamento. Ao se contrapor à cultura do esquecimento e ao projeto de invisibilização das vítimas, os membros do Oyneg Shabes afirmaram a dignidade da memória coletiva e a necessidade ética de testemunho:

Os que falavam de traição não veem que uma nova verdade do tempo acabava de se formular, que é a própria tradição que acabava de renascer da clandestinidade de seu esconderijo, de sua caixa (arca). Os miseráveis papéis ali reunidos poderiam tornar-se, no entanto, nossos papéis mais sagrados, como novos manuscritos do Mar Morto. E a caixa – de lata, coberta de mofo que fosse - seria então como uma nova arca de aliança: uma aliança reencontrada, pelas lágrimas reunidas em papéis afogados, com a própria história dos povos judeus.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 12.

<sup>9</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 12.

<sup>10</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 113.



Para Didi-Huberman, a constituição do arquivo transcende a dimensão meramente histórica, operando como um gesto ritualístico e poético de preservação da humanidade em condições extremas. Ele destaca que a materialidade precária dos documentos – cartas, relatos, fotografias – e sua dispersão fragmentária (as “esparsas”) são elementos que revelam não só o horror da catástrofe, mas também a insistência do humano em resistir ao apagamento absoluto.

Nessa perspectiva, o Oyneg Shabes, como figura emblemática da resistência cultural e intelectual do gueto, ocupa lugar central em *Esparsas*, na qual Didi-Huberman problematiza a relação entre a memória histórica e os limites do representável, reafirmando que todo fragmento preservado é uma forma de resistência e de futuro.

Didi-Huberman não apenas reconstrói a história do arquivo Oyneg Shabes, mas elabora uma reflexão estética e ética sobre a fragmentação e o valor dos restos documentais. As metáforas centrais que atravessam a obra se articulam, essencialmente, sobre dois pontos fundamentais, que se deve aos termos “esparsas” e “papéis”, visto que estes carregam um sentido profundo de resistência e de insurgência contra o aniquilamento da memória.

O termo “esparsas”, que dá título ao livro, remete imediatamente à ideia de dispersão, de algo que foi separado, fragmentado e lançado ao acaso. Didi-Huberman recupera a palavra de um poema do escritor judeu Itzhak Katzenelson, prisioneiro de Varsóvia, que lamenta as vidas espalhadas e destruídas pela guerra. Ao associar os arquivos do Oyneg Shabes a essas “esparsas”, o autor sugere que cada papel encontrado nos escombros do gueto constitui um fragmento de vida e de verdade que se recusa a desaparecer completamente, mesmo diante da tentativa nazista de apagar toda a memória do povo judeu.

As “esparsas” são as ruínas documentais, dispersas no tempo e no espaço, mas que, quando reunidas e interpretadas, formam uma narrativa de resistência, dor e coragem. Nesse sentido, Didi-Huberman enfatiza a importância do trabalho arqueológico e hermenêutico necessário para reconstituir o que restou do arquivo. Os papéis desenterrados, desgastados e, muitas vezes, mutilados, são metáforas do próprio corpo coletivo do gueto: um corpo ferido, fragmentado, mas ainda capaz de falar.

A imagem dos “papéis” também carrega um peso simbólico forte. Esses papéis – cartas, diários, depoimentos, desenhos, estatísticas, crônicas cotidianas – são registros frágeis, mas que, ao mesmo tempo, desafiam a brutalidade da violência nazifascista. Didi-Huberman propõe uma inversão da lógica dominante: aquilo que seria considerado lixo pela barbárie torna-se tesouro arqueológico e testemunho vital da história. O papel, enquanto suporte físico e simbólico, assume a função de preservar a voz dos mortos e de resistir ao silêncio imposto pelo genocídio.



Uma grande alegria se misturava a uma grande frustração. Dez caixas do ‘tesouro dos sofrimentos’ foram encontradas, mas Ringelblum não havia, em algum lugar, falado de ‘mais de vinte caixas’? Foram salvas 25.540 páginas de arquivos, mas elas não estavam já apodrecidas, grudadas umas às outras, cobertas de mofo, apagadas em tanto lugares pela água que as encharcava? Foi então necessário partir para o meticuloso trabalho de secar os documentos um por um, trabalho infinitamente lento e paradoxal, sobretudo se o compararmos à urgência absoluta que cada folha carregava consigo.<sup>11</sup>

Além disso, ele estabelece um paralelo entre a dispersão dos documentos e a diáspora judaica. Assim como o povo judeu foi historicamente lançado ao exílio, os arquivos do Oyneg Shabes foram lançados ao subterrâneo e ao esquecimento, até serem desenterrados como relíquias de uma história quase apagada. Nesse aspecto, a palavra se torna o movimento representativo da dor, isto é, na história ressoa gritos e lágrimas de quem testemunhou as atrocidades contra os judeus e como o ato de escrever esses sentimentos demonstra uma fragilidade intrínseca transmitida no texto e, mais tarde, produzir um eco, isto é, se revelando por meio de gritos de dor e objetividade narrativa expressa pelos documentos do Oyneg Shabes.

O desejo de escrever é tão forte quanto a repugnância pelas palavras. Odiamos as palavras porque elas muito frequentemente serviram para mascarar o vazio ou a pequenez. Nós as desprezamos porque elas empalidecem em comparação com a emoção que nos atormenta. E, no entanto, a palavra foi outrora sinônimo de dignidade humana e o bem mais precioso do homem.<sup>12</sup>

Didi-Huberman aproxima o gesto de colecionar e preservar as “esparsas” do Oyneg Shabes a um ato de ritualização e de ética da memória. Essas folhas rasgadas e espalhadas tornam-se, paradoxalmente, sementes da recordação e da reconstrução histórica. Em um mundo devastado pelo terror, o papel mais frágil, enterrado nas profundezas da destruição, carrega a potência de manter viva a dignidade e a verdade de uma comunidade. Ademais, *Esparsas* não é apenas uma viagem documental, mas também uma poética da resistência, onde cada fragmento de papel adquire a força de um gesto insurreto contra o esquecimento.

O autor, portanto, descreve os arquivos como “pedaços frágeis de papel que resistiram

<sup>11</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 38.

<sup>12</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 43.



ao peso da destruição”, destacando a coragem do gesto de registrar em plena noite da história. Ao narrar sua visita ao subsolo do Instituto Histórico Judaico, onde os arquivos foram escondidos em latas e caixas enterradas, Didi-Huberman enfatiza o contraste entre o esforço monumental dos nazistas para destruir e o esforço silencioso dos judeus do gueto para salvar memórias, por mais parciais ou esparsas que fossem.

## A poética do fragmento: esparsas como forma e sentido

*Odiámos as palavras porque elas muito frequentemente serviriam para mascarar o vazio ou a pequenez. [...], a palavra foi outrora sinônimo de dignidade humana e o bem mais precioso do homem.*

(Georges Didi-Huberman)

A escolha da palavra “esparsas” no título da obra carrega um duplo sentido: refere-se tanto à condição física dos documentos – fragmentados, corroídos pela umidade e pela passagem do tempo – quanto à estrutura do próprio texto de Didi-Huberman, que adota uma forma fragmentária e reflexiva. O autor entrelaça suas anotações de viagem a Varsóvia com trechos dos arquivos do Oyneg Shabes e considerações sobre a fragilidade da memória.

Algumas considerações sobre o termo “esparsas” são atribuídas a cada novo capítulo. Nos subtópicos de cada capítulo encontram-se a palavra-chave “papéis”, que possui outros vocábulos interligados a ela, determinando o seu estado, a sua condição, isto é, “papéis chorados”, “papéis-desejos”, “papéis apodrecidos”, “papéis afogados”, “papéis de bala”, “papéis-rostos”, “papéis sagrados”.

Ao conceituar as palavras “esparsas” e “esparsos” temos várias considerações e contextos discursivos relacionados, conforme destacamos a seguir.

Papéis chorados: Esparsas: Posições psíquicas que cada um pode encerrar numa única, numa simples experiência emocional.<sup>13</sup>

Papéis amarelados: Esparsos: restos da memória, materiais ou psíquicos, que uma mesma história pode nos deixar para compartilhar.<sup>14</sup>

Papéis-desejos: Esparsas: oportunidades de retorno, aqui e ali, ainda e sempre, no calor de um tal desejo: quando alguns se insurgem, fazendo vacilar uma situação de terror imposta a todos.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 9.

<sup>14</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 13.

<sup>15</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 17.



Papéis murados: Esparsas: escoriações da destruição que um espaço pôde sofrer na história, tal como o tecido urbano de Varsóvia.<sup>16</sup>

Papéis fugidos: Esparsos: porões, esconderijos onde se abrigam, mesmo que provisoriamente, seres ou restos ameaçados pelo inimigo que os procura.<sup>17</sup>

Papéis apodrecidos: Esparsas: partículas de celulose que um maço de papeis apodrecidos deixa desaparecer, mesmo quando ainda estão grudados uns aos outros.<sup>18</sup>

Papéis-afogados: Esparsas: cartas lançadas de vagões de trem pelos Judeus enviados a Treblinka vindos do gueto de Varsóvia. Esparsas letras formando suas palavras e suas frases quando os papéis dessas cartas foram afogados sob a terra. Esparsas letras por meio das quais, dizem, Deus teria composto o mundo ao reuni-las numa ordem sublime.<sup>19</sup>

Papéis de adeus: Esparsas: razões para escrever uma palavra de adeus, ou frases derradeiras que não saberemos se serão preservadas da destruição física, se serão recebidas, conservadas, lidas e compreendidas por outros num futuro que a história presente torna mais que improvável.<sup>20</sup>

Papéis de alarmes: Esparsas: tentativas de alerta para o perigo que circula. Esparsas, fatalmente, pois é difícil transitar entre as mentiras dos perseguidores e a credulidade dos perseguidos.<sup>21</sup>

Papéis quaisquer: Esparsas: maneiras de sobreviver – provisoriamente – na grande armadilha que se fecha. Toda sobrevivência é composta, ao mesmo tempo, dos maiores e dos menores gestos, e é disso, no dia a dia, que se constitui o arquivo dos documentos reunidos pelo *Oyneg Shabes*.<sup>22</sup>

Papéis de bala: Esparsos: trágicos caminhos do jogo e da morte quando as próprias crianças são enviadas para o extermínio.<sup>23</sup>

Papéis-fotos: Esparsas: modalidades do olhar ou da recusa do olhar, as possibilidades de ver ou de não querer ver. Esparsos conhecimentos do tempo que as imagens seriam

---

<sup>16</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 23.

<sup>17</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 30.

<sup>18</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 37.

<sup>19</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 41.

<sup>20</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 49.

<sup>21</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 55.

<sup>22</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 63, grifos do autor.

<sup>23</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 69.



capazes de nos trazer.<sup>24</sup>

Papéis-contatos: Esparsas: perspectivas morais envolvidas em cada olhar, em cada gesto técnico – de enquadramento, de foco, de luminosidade, de montagem – que se forma a visualidade de uma imagem.<sup>25</sup>

Papéis-rostos: Esparsas: ondas efetivas que, nos seres em suspensão, vão e vêm como numa ressaca permanente, separam-se e retornam entre a angústia e o sorriso, a perspectiva da morte e a possibilidade de fazer, apesar de tudo, em jogo de palavras.<sup>26</sup>

Papéis-conflitos: Esparsas: falhas políticas, diferenças e dissensões que um mesmo povo, mesmo ameaçado com sua globalidade, deixa surgir dentro de si tal como margens opostas de um rio – atingidas, no entanto, por uma mesma tempestade.<sup>27</sup>

Papéis sagrados: Esparsos: arcanos da tradição. Um dia, alguém confere a esta uma virada inaudita, sem dúvida porque então o próprio perigo reinava de maneira inaudita.<sup>28</sup>

Papéis-sementes: Esparsos: nascimentos de nossa história. A destruição espalha tudo: coisas, corpos, almas, espaços, tempos. Tudo está quebrado, fracionado, fragmentado. A princípio, veremos apenas os escombros.<sup>29</sup>

Em todos os capítulos que tem na sua formação as palavras “papéis” e “esparsas” denotam uma trajetória histórica, múltipla e una de quem a escreve, a representa, uma vez que o livro é percebido como imagem do mundo e engloba nessa perspectiva “posições psíquicas”, “restos da memória”, “oportunidades de retorno”, “escoriações de destruição”, “porões, esconderijos”, “partículas de celulose”, “cartas lançadas”, “razões para escrever”, “tentativas de alerta”, “maneiras de sobreviver”, “trágicos caminhos do jogo e da morte”, “modalidades do olhar”, “perspectivas morais”, “ondas afetivas”, “falhas políticas”, “arcanos da tradição”, “nascimentos”.

Essa poética do fragmento faz eco à tradição benjaminiana da constelação: cada pedaço de papel, cada anotação sobrevivente, liga-se a outras vozes silenciadas e cria uma rede de significados que extrapola a materialidade dos documentos. A escrita de Didi-Huberman explora a incompletude como potencial poético e epistemológico, reconhecendo que o fragmento não é apenas o que resta, mas o que resiste.

<sup>24</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 75.

<sup>25</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 83.

<sup>26</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 93.

<sup>27</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 101.

<sup>28</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 111.

<sup>29</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 123.



Desse diálogo fortemente com a tradição benjaminiana da constelação, na qual cada vestígio do passado não é um dado isolado, mas parte de um tecido mais amplo de significados que se entrecruzam e se reconfiguram constantemente. O arquivo do Oyneg Shabes, ao emergir em sua condição fragmentária, não apenas testemunha o passado, mas ressignifica sua presença no presente, ativando novas leituras e deslocamentos interpretativos.

Walter Benjamin, em *Sobre o conceito de história*, propõe que a memória histórica não deve ser concebida como um relato linear e totalizante, mas como um conjunto de lampejos e rastros que se iluminam reciprocamente no presente.<sup>30</sup> Em *Esparsas*, Didi-Huberman amplia essa noção ao enfatizar que os papéis do gueto não são apenas documentos mortos, mas forças que atravessam o tempo, encontrando novas constelações interpretativas a cada leitura. Essa abordagem desafia a lógica da história oficial, que busca uma totalidade e uma coerência que os fragmentos, por sua própria natureza, não oferecem.

Além de Benjamin, essa perspectiva fragmentária ressoa com a obra de Jacques Derrida,<sup>31</sup> sobretudo em *Mal de arquivo*, onde o escritor argumenta que todo arquivo é, ao mesmo tempo, uma preservação e uma perda, pois arquivar algo significa também determinar o que será esquecido ou inacessível. Didi-Huberman trabalha essa ambivalência ao explorar os silêncios e as lacunas deixadas pelo genocídio, tornando o incompleto um espaço de resistência epistemológica.

Dessa forma, o arquivo do Oyneg Shabes não é apenas um conjunto de documentos resgatados, mas um dispositivo de memória em constante (re)construção, um testemunho que, ao se dispersar e se fragmentar, encontra novas possibilidades de significação e permanece como um ato de insurgência contra o apagamento histórico: “o arquivo é silencioso, embora guarde milhares de testemunhos cujos gritos esperam ser lidos em pedaços de papel ou pacientemente escrutinados em documentos visuais [...]”<sup>32</sup>. Em suma, “o arquivo recebe o visitante com um chão ainda marcado pela explosão da sinagoga pelos nazistas [...]”<sup>33</sup>.

## A ética da leitura diante da catástrofe: a escrita como semente de transformação do futuro

*Escrevo num momento tal que minhas mãos tremem e meus olhos nada veem, porque deles*

<sup>30</sup> Benjamin, 2020.

<sup>31</sup> Derrida, 2001.

<sup>32</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 111.

<sup>33</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 111.



*escorrem não lágrimas, mas sangue...*

(Georges Didi-Huberman)

Ao longo de *Esparsas*, Didi-Huberman defende que ler os papéis do gueto implica mais do que interpretar documentos históricos: trata-se de um ato de escuta e de responsabilidade ética diante da dor e do silenciamento forçado. O escritor ainda propõe uma “leitura ética” que se opõe à espetacularização do sofrimento e que acolhe a lacuna, o não dito e a interrupção como parte inseparável do testemunho.

Nesse sentido, *Esparsas* convoca o leitor a um duplo movimento: preservar o valor material e simbólico dos arquivos e, ao mesmo tempo, reconhecer que a fragmentação e o silêncio são constituintes inevitáveis da memória histórica em tempos de genocídio. O livro assume, assim, um papel ético fundamental: impedir que as lacunas sejam interpretadas como esquecimentos e transformá-las em sinais vivos de resistência:

A escrita seria, ao mesmo tempo, narrativa e constatação desse incessante afogamento e desse reduzir as cinzas: seu próprio dar luz, a sobrevivência para que outra coisa possa nascer. Tudo isso por meio de lágrimas (um nada de água de amargura) e de letras (um nada de tinta escura) sobre alguns pedaços de papel. É como um tipo de semente. Escrever só é recordação para que a escrita seja portadora de um futuro, de um desejo.<sup>34</sup>

Em *Esparsas*, Georges Didi-Huberman nos confronta com uma questão central: como ler os vestígios da catástrofe sem reduzir a memória ao silêncio ou à mera documentação do horror? A escrita, no contexto do arquivo Oyneg Shabes, não é apenas um testemunho da destruição, mas um ato ético e político de resistência. O gesto de escrever e ocultar esses documentos, sabendo que seu destino era incerto, carrega consigo uma aposta radical no futuro – um compromisso com leitores que ainda não existiam, mas que teriam a responsabilidade de dar sentido àqueles fragmentos.

Didi-Huberman desenvolve sua reflexão a partir da noção de leitura como um ato ético. Para ele, ler os papéis do gueto não significa apenas absorver informações sobre o extermínio, mas compreender o que significa continuar a narrar diante do horror. Didi-Huberman pesquisou no Instituto Histórico Judaico de Varsóvia uma das grandes latas de alumínio, que compõe a segunda parte do arquivo de Ringelblum, que contém os documentos e testemunhos de quem participou do Holocausto. Essa etapa de visita e descoberta foi segundo o autor: “Trivial e misteriosa. Um objeto entre uma urna funerária e um recipiente de onde toda a vida sairia para gritar sua história

<sup>34</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 126.



de morte”.<sup>35</sup>

Inspirando-se na tradição de Benjamin, Didi-Huberman argumenta que esses documentos não são apenas testemunhos históricos, mas lampejos de verdade que desafiam as narrativas totalizantes. A metáfora da semente – presente em sua leitura dos papéis esparsos – sugere que a escrita, mesmo diante da aniquilação, mantém uma potência de germinação: uma resistência à destruição completa. “Todo esse arquivo da destruição de um povo é, portanto, ao mesmo tempo um ato de conhecimento, um ato de ajuda mútua e um sofrimento diretamente vivido [...].”<sup>36</sup>

A ética da leitura, nesse contexto, exige que o leitor não apenas registre o que se perdeu, mas também reconheça a dimensão inacabada desses textos. O fragmento não é apenas um resquício de algo maior, mas uma forma de inscrição do possível – uma aposta na continuidade da memória, ainda que sob a ameaça constante do esquecimento, visto que a escrita eterniza esse movimento e promove articulações sociais de justiça e esperança de vida futura, pois “[...] a palavra foi outrora sinônimo de dignidade humana e o bem mais precioso do homem”.<sup>37</sup> Com efeito, esse olhar esperançoso ressoa com Derrida, que em *Mal de Arquivo* propõe que arquivar é também uma forma de projetar o futuro, pois cada leitura reinscreve o sentido do passado.

Assim, *Esparsas* nos convida a pensar na leitura como um compromisso com os que escreveram para não serem esquecidos. “Documentos e gritos de dor, objetividade e paixão não se arranjam bem. [...] O desejo de escrever é tão forte quanto a repugnância pelas palavras”.<sup>38</sup> Ler esses documentos significa aceitar a responsabilidade de preservar suas vozes, mas também de transformá-las em novas formas de resistência. A escrita que sobrevive à catástrofe não é um epitáfio, mas uma semente – uma promessa de que, mesmo diante da destruição, a memória pode encontrar novos solos onde florescer, “porque, embora visíveis, esses documentos devem suas mensagens – seu sentido, seu endereçamento – unicamente a uma ética da escrita que não ignora sua fragilidade intrínseca diante dos gritos de dor que ela busca transmitir, refrasear”.<sup>39</sup>

Ao ler esses documentos, Didi-Huberman reflete da condição de confronto que o leitor lida com todas as etapas e provações descritas neles, ressaltando na maioria das notas

<sup>35</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 35.

<sup>36</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 32.

<sup>37</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 43.

<sup>38</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 23.

<sup>39</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 23.



a morte de um povo inteiro “esmagado” numa “imensa máquina da morte”.<sup>40</sup> Evidentemente, o que sobra diante desse processo é ínfimo comparado ao tamanho do extermínio tomado em sua totalidade. “Sentimos ali as emoções de cada pessoa, cada uma delas dispersa *em relação às* outras, embora também mergulhadas em sua própria história comum”.<sup>41</sup> Mensagens desanimadoras e, ao mesmo tempo, encorajadoras preenchem muitos dos discursos proferidos nos documentos: “Mamãe querida, não se preocupe com isso, não há o que se fazer”;<sup>42</sup> “Você nos escreveu dizendo para estarmos prontos para ir embora. É um verdadeiro milagre que eu ainda não tenha enlouquecido. [...] Perdão, não consigo. Perdão”;<sup>43</sup> “Que pudéssemos jamais ter nascido” e “A morte paira diante de nossos olhos”.<sup>44</sup>

Nesse ponto, em linhas gerais, faz-se necessário abordar resumidamente de maneira interrogativa (pois foi desenvolvido antes) alguns tópicos que envolvem o discurso do processo de escrita aliado a algumas considerações analíticas e aglutinadoras como: a) o tempo; b) a resistência; c) ao compromisso ético; d) a memória e a potência do fragmento.

### A relação entre escrita e tempo: o arquivo como constelação

Como os papéis do gueto, ao sobreviverem ao extermínio, desafiam a linearidade histórica e criam um regime de tempo para a memória?

Benjamin, em *Sobre o conceito de história*, sugere que o passado não é fixo nem linear, mas se ilumina no presente a partir de uma constelação de sentidos. Essa ideia ecoa na leitura de Didi-Huberman, para quem os papéis do Oyneg Shabes não devem ser vistos apenas como registros de um tempo perdido, mas como vestígios que interpelam nosso presente.

A metáfora da constelação permite entender os documentos do gueto como pontos dispersos que, quando conectados, revelam um panorama mais amplo. Cada fragmento de texto, um bilhete, uma carta, um testemunho, não é apenas um resquício de vida interrompida, mas um elo com outras vozes e outros tempos. Didi-Huberman recorre à imagem do papel espalhado pelo vento (esparsas), sugerindo que a leitura desses fragmentos exige uma reconstrução cuidadosa, um trabalho que é simultaneamente arqueológico e criativo.

Assim, os arquivos do Oyneg Shabes não são meramente documentos históricos, mas

<sup>40</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 46.

<sup>41</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 46, grifos do autor.

<sup>42</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 46.

<sup>43</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 46.

<sup>44</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 46.



lampejos que desafiam o apagamento. O passado, longe de ser um depósito estático de eventos, ressurge como um campo de forças em que cada leitura reconfigura sua significação, porque “[...] escutar as vozes dos naufragados, contar sua história para nós, para o futuro. E fazer dessas histórias uma revolta em ato – sim, um ato de papel – contra os canalhas”.<sup>45</sup>

### A escrita como resistência: o gesto de arquivar sob ameaça

Como a prática de arquivar documentos durante o Holocausto se insere em uma tradição de resistência intelectual?

O ato de escrever, classificar e esconder os documentos do Oyneg Shabes foi, acima de tudo, um gesto de resistência. Sabendo que sua destruição era iminente, os membros do grupo escolheram registrar suas experiências e opiniões para um futuro incerto. Essa decisão ressoa com a ideia de Giorgio Agamben,<sup>46</sup> que em *O que resta de Auschwitz* analisa o testemunho como um espaço de luta entre a palavra e o silêncio imposto pela violência extrema.

Ao arquivar seus escritos, os judeus do gueto transformaram o próprio ato de narrar em uma forma de sobrevivência simbólica. Seus registros não apenas documentavam a realidade do extermínio, mas também desafiavam a narrativa de seus algozes, negando à máquina nazista o monopólio da história.

Didi-Huberman enfatiza que essa escrita não foi um gesto de esperança ingênua, mas uma aposta radical na continuidade da memória. A consciência de que os textos poderiam nunca ser lidos não impediu que fossem produzidos. Ao contrário, reforçou sua importância: se havia a possibilidade de que alguém, um dia, os lesse, então valia a pena escrevê-los. Afinal, a condição existencial e escrita do diário de Emanuel Ringelblum consiste em apresentar seus desenvolvimentos no cotidiano com fórmulas como “Caro Papai”, “Caro vovô”, “Meus caros” e “Meus caríssimos”. Essa estratégia serviria para despistar a censura ou para passar ao largo da Gestapo e da polícia judia, bem como a maior dicotomia e desafio do Oyneg Shabes estava em fazer circular clandestinamente essas informações testemunhais e registradas por meio de documentos diversos, disseminando, sobretudo, “uma verdade destinada a todo o mundo, quer dizer, não apenas à comunidade judaica ameaçada, mas também o mundo inteiro além das fronteiras”<sup>47</sup>.

### A leitura como compromisso ético: a escuta dos mortos

O que significa ler esses documentos hoje? Como podemos evitar que sua leitura se

<sup>45</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 27.

<sup>46</sup> Agamben, 2008.

<sup>47</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 60.

torne um mero exercício de consumo cultural, e, em vez disso, se configure como um ato de escuta e compromisso com o passado?

Ler os documentos do Oyneg Shabes não é um ato neutro. Didi-Huberman argumenta que a leitura desses vestígios exige uma postura ética: trata-se de escutar os mortos, de dar continuidade ao seu testemunho sem reduzi-lo a mero material histórico.

Derrida, em *Mal de arquivo*, propõe que arquivar é um gesto voltado para o futuro. O arquivo não é apenas um depósito de documentos, mas um espaço em que a memória se reinscreve constantemente. Ler os papéis do gueto, portanto, significa assumir a responsabilidade por essa reinscrição.

Isso implica resistir a dois perigos: a estetização da dor e a neutralização do testemunho. O primeiro ocorre quando os relatos do Holocausto são transformados em narrativas espetaculares, esvaziadas de sua complexidade e reduzidas a um consumo emocional. O segundo acontece quando os documentos são tratados como simples objetos de estudo, sem reconhecimento de sua dimensão existencial.

Didi-Huberman insiste que devemos nos aproximar desses textos com uma escuta atenta, aberta às suas lacunas e silêncios. A ética da leitura reside na capacidade de permitir que esses fragmentos interpelem nossa visão de mundo, nos forçando a repensar a relação entre passado e presente. “Mas o que fazer, no presente, com esses pedaços de papel quase apagados, com essas palavras esparsas? Guardá-los como tesouros imutáveis, mas como sementes para o presente, para o futuro”.<sup>48</sup> Em outras palavras, “papéis decisivos, portanto, mas sem nunca deixarem de ser ‘papeizinhos’, nos quais são ditas mil pequenas coisas esparsas a partir das quais é tecido cada acontecimento decisivo”.<sup>49</sup>

### **A fragilidade da memória e a potência do fragmento: o que resta, o que resiste**

Como a incompletude dos arquivos do Oyneg Shabes não enfraquece, mas reforça sua força testemunhal?

A noção de fragmento ocupa um lugar central em *Esparsas*. Para Didi-Huberman, a incompletude dos arquivos do gueto não é uma fraqueza, mas uma força. Os pedaços de papel encontrados após a guerra são vestígios de vidas interrompidas, mas também são testemunhos da impossibilidade de um apagamento total.

Isso remete à reflexão de Maurice Blanchot<sup>50</sup> sobre a escrita da catástrofe. Em *O livro por vir*, Blanchot sugere que a literatura, ao dar forma ao que se perdeu, resiste ao

---

<sup>48</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 129.

<sup>49</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 64.

<sup>50</sup> Blanchot, 2005.



desaparecimento absoluto. Da mesma forma, os papéis dispersos do Oyneg Shabes não são apenas ruínas de uma memória destruída, mas inscrições de uma história ainda em aberto.

Didi-Huberman explora essa ideia ao associar os fragmentos do gueto à imagem da semente. O que sobrevive não é um todo intacto, mas algo que pode germinar de novas formas. Cada leitura desses documentos é um ato de reinscrição, um gesto que impede que se tornem meros objetos arqueológicos. Por isso, esse ato de sobrevida desses documentos conserva um poder germinativo, isto é, “seus fragmentos de sobrevivência ou de morte são também sementes de vida, mesmo que para outrem”.<sup>51</sup>

A poética do fragmento, assim, se torna uma poética da resistência. Em vez de buscar uma totalidade perdida, Didi-Huberman nos ensina a ler os vestígios como chamas que continuam a iluminar, ainda que de forma intermitente. Em linhas gerais, o “fantástico” desafio proposto por Emanuel Ringelblum com relação aos seus perseguidores e ao “mundo ocidental” consistiria “[...] para o gueto de Varsóvia, uma história monumental, irrefutável e inesquecível, uma história feita, no entanto, desses milhares de pedaços de papel que escaparam, tais como grãos de poeira, de cada tragédia singular”.<sup>52</sup>

Nessa perspectiva, *Esparsas* não busca apenas relatar os fatos históricos do gueto, mas refletir sobre a urgência de ler, reler e transmitir os testemunhos que sobreviveram ao aniquilamento. O que resta dos arquivos de Varsóvia nos convoca a uma ética do olhar e da escuta. Não podemos nos furtar ao dever de ler essas vozes silenciadas.

Por fim, a escrita de Georges Didi-Huberman propõe um duplo movimento: olhar para os vestígios da catástrofe como documentos de um passado irrecuperável e, ao mesmo tempo, reconhecer neles uma potência que resiste ao esquecimento. Ao discutir os arquivos do Oyneg Shabes, grupo clandestino que registrou e escondeu documentos durante a ocupação nazista da Polônia, Didi-Huberman nos convida a refletir sobre a relação entre memória, fragmento e leitura ética. Este aprofundamento se dá em quatro eixos principais, portanto, a relação entre escrita e tempo, a escrita como resistência, a leitura como compromisso ético e a potência do fragmento.

## Considerações finais

Em *Esparsas*, Didi-Huberman nos convoca a uma leitura que não seja apenas um ato de erudição, mas um compromisso com a memória e a ética. Os papéis do Oyneg Shabes não são apenas testemunhos do passado, mas interrogações dirigidas ao presente. Como leitores, não podemos reconstruir totalmente o que foi perdido, mas

<sup>51</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 129.

<sup>52</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 65.



podemos manter viva a potência desses fragmentos, permitindo que continuem a gerar sentido.

Essa perspectiva ressoa com Walter Benjamin, que via na história um campo de batalha em que o passado nunca está definitivamente encerrado. A memória do gueto de Varsóvia não é apenas um objeto de estudo, mas uma responsabilidade. Ler os esparsos papéis do Holocausto é reconhecer que a catástrofe ainda ecoa, e que cabe a nós impedir que se transforme em esquecimento.

Portanto, *Esparsas* é mais do que um ensaio sobre documentos históricos; é uma meditação sobre o poder dos fragmentos e sobre o imperativo ético de preservar o que subsiste da catástrofe. Georges Didi-Huberman, ao explorar a precariedade dos papéis do gueto de Varsóvia, constrói uma poética do esfacelamento e da memória vulnerável, mas também uma prática de resistência contra a amnésia e a banalização da Shoah. O livro reafirma que, mesmo deteriorados, os vestígios são pontes com o passado e exigem de nós, leitores, uma escuta atenta e uma postura ética. *Esparsas*, assim, perpetua a insurreição silenciosa dos que documentaram o horror, confiando ao futuro a continuidade de seu testemunho.

Nesse sentido, transponho relato pessoal de Didi-Huberman voltando de avião de Varsóvia durante esses três dias de descobertas, haja vista que descreve um “aperto no coração” ao continuar lendo o livro de Samuel Kassow, genealogista do Instituto histórico judaico que o ensinou sobre os próprios “papéis amarelados” mais do que compreendia até então. Diante disso, “lágrimas me vieram aos olhos. Digo a mim mesmo, então, que é imperativo trazê-las de volta ao espelho da página em branco e começar a escrever alguma coisa. Para que a lamentação ensine, nos levante”.<sup>53</sup>

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas, v. 1. Tradução: Adalberto Muller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução: Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

<sup>53</sup> Didi-Huberman, 2023, p. 129.



DIDI-HUBERMAN, Georges. *Esparsas*: viagem aos papéis do Gueto de Varsóvia. Tradução: Flávio Magalhães Taam. São Paulo: n-1 edições, 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução: Márcia Arbéx e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

-----

Enviado em: 30/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025